

Carta de Natal 2018 do Abade Geral OCist

A GRAÇA DE CAMINHAR JUNTOS



Queridos irmãos e irmãs,

Escrevo minha tradicional Carta de Advento e Natal depois da recente experiência de participação no Sínodo dos Bispos, que se reuniu em Roma dos dias 3 a 28 de outubro, em volta de Papa Francisco. Sabeis que o tema era: "Jovens, fé e discernimento vocacional". Sou grato à Assembleia dos Superiores Gerais que me elegeram, com outros nove irmãos de diversas Ordens e Congregações, para participar deste evento eclesial tão intenso, no qual ouvimos pulsar a vida da Igreja até os confins do mundo. Além dos Bispos de todos os povos e nações, foram convidados como auditores trinta jovens provenientes não só dos cinco continentes, mas de várias realidades eclesiais, que estão em contato de modo especial com o mundo juvenil. Não faltaram os representantes das várias Igrejas cristãs, além de um grande grupo de peritos que deram uma ajuda indispensável para assimilar todas as contribuições, peneira-las e, em seguida, reuni-las harmoniosamente no *Documento final*.

Não desejo delongar-me na descrição do Sínodo em termos de presenças e eventos, pois tudo isto já foi exposto e divulgado pela mídia, embora muitas vezes, durante o Sínodo, constatávamos que certas mídias, também católicas, descreviam os debates do Sínodo totalmente sem equilíbrio e fundamento. A ideologia, de qualquer tendência, é mais interessada em se dar razão do que ouvir a verdade das palavras e dos fatos.

Testemunhar um evento

Por esta razão sinto-me impulsionado a falar sobre a experiência do Sínodo, e dos textos que surgiram, na forma de um testemunho pessoal e de uma reflexão preocupada em que nossa Ordem acolha os impulsos do Espírito Santo, que o Sínodo oferece a todos, para um caminho renovado de toda a Igreja e de cada comunidade e pessoa que a compõe. De fato, quanto mais vivia esta experiência, mais percebia que o Sínodo é um evento em que o Espírito Santo é o Autor, e todos nós éramos chamados mais a servir como instrumentos deste evento, do que para construir com as nossas ideias, palavras e capacidades. E no final do Sínodo, os instrumentos são chamados a serem testemunhas de um evento em ação.

O Papa nos exortou com simplicidade, tomando a palavra no final da última sessão do Sínodo: "O resultado do Sínodo não é um documento (...). Estamos cheios de documentos. Não sei se este documento lá fora terá algum efeito, não sei. Mas certamente sei que deve ter em nós, deve trabalhar em nós. (...) Agora o Espírito nos dá o documento para que trabalhe em nosso coração. Somos nós os destinatários deste documento, não as pessoas de fora. Que este documento trabalhe; e devemos rezar com o documento, estudá-lo, pedir luz... o documento é principalmente para nós. Sim, ajudará muitos outros, mas nós somos os primeiros destinatários: foi o Espírito que fez tudo isto, e volta para nós." (27.10.2018)

Será útil que nas comunidades se faça um trabalho de leitura e meditação do *Documento final*, mesmo que depois o Santo Padre provavelmente tomará como inspiração para publicar uma Exortação pós-sinodal. O *Documento final*, certamente não perfeito, foi visto por muitos como um verdadeiro milagre. Durante a audição de horas e horas de intervenções das mais variadas, mas também no trabalho mais detalhado dos Círculos menores, muitas vezes nos dizíamos: Mas deste canteiro de obras tão desordenado e cheio de poeira, o que virá de bom? Como é possível chegarmos em tão pouco tempo, a produzir um texto que sintetize a riqueza multicolorida de tudo o que dizemos e escrevemos? Quando chegou o esboço do *Documento*, em mim a admiração foi grande, porque o impossível havia acontecido. O Espírito Santo trabalha. Em seguida, ainda discutimos e corrigimos, mas percebíamos todos que dominava um agradecimento a Deus, a todos os participantes, e àqueles que trabalharam dia e noite para preparar o texto, pois nos sentíamos participantes da obra de Deus, e a característica essencial desta obra era uma comunhão entre todos nós, que era mais profunda do que um simples concordar com ideias ou decisões. Fazíamos, isto é, experiência do mistério da Igreja.

O dom de São Paulo VI

Não foi um caso que, durante este mês de Sínodo, Papa Francisco canonizou Paulo VI, o Papa do Concílio, o Papa que talvez mais do que qualquer outro, se expressou com profundidade e beleza sobre o mistério da Igreja, sofrendo terrivelmente pela profunda crise, que se intensificou nos anos pós Concílio Vaticano II.

Lembrei-me de uma experiência pessoal que marcou toda a minha vida. Em 1975, participei de uma peregrinação diocesana para o Ano Santo. Tinha 16 anos e tinha muitas dúvidas, não tanto sobre a fé, mas sobre a Igreja. Na quarta-feira estava na Praça de São Pedro para a audiência, em meio a multidão. Paulo VI passou não muito longe de mim, no jipe. Sorria para a multidão e fazia seus gestos típicos, simples e nobres, de bênção e saudação. Vi seu olhar como se estivesse olhando para mim. A partir daquele momento amei a Igreja, sempre a senti como minha casa, minha família. Pedro havia passado e sua sombra me curou de um olhar humano sobre a Igreja. Para mim, a Igreja tornou-se um mistério, sinal e instrumento da presença salvífica de Cristo. Foi uma grande emoção, mas não apenas uma emoção, pois aquilo que é apenas emocional ou sentimental não dura a vida inteira. Depois conheci os defeitos da Igreja, de seus membros, incluindo eu mesmo, muito mais do que aqueles que, com 16 anos, me enchiam de dúvidas, mas que a graça transmitida por São Paulo VI, nunca diminuiu.

E se hoje as infidelidades de tantos membros da Igreja, nos encham de tristeza e escândalo, devemos entender que é por esta razão que somos chamados, urgentemente, a pedir ao Espírito Santo e aos Santos, de nos tornarmos ainda mais conscientes e maravilhados diante do mistério profundo e eterno que a Igreja é, porque será sempre dali que o Povo de Deus,

poderá se converter à maravilhosa missão de ser encarnação do Cristo Ressuscitado, para a salvação do mundo.

A resposta está na Igreja

Por isso, quando li o rascunho do *Documento final*, a primeira coisa que me alegrou foi, precisamente, que o Sínodo expressou com clareza que a resposta fundamental à necessidade dos jovens do mundo inteiro, dentro ou fora da Igreja, é que a Igreja seja verdadeiramente si mesma, que as Dioceses e cada comunidade, bem como as famílias religiosas, encarnem com maior veracidade e beleza, o mistério da Igreja. Antes, tínhamos a impressão de que diante do desconforto juvenil, em todas as suas formas ou pelo menos aos desafios apresentados pelos jovens, nos questionávamos apenas: O que devemos fazer? Era como se procurássemos soluções e meios para aplicá-las. Agora, sentíamos que um novo vento tinha soprado e que havíamos entendido que antes de nos perguntar o que *fazer*, precisávamos nos perguntar o que *ser*. Os primeiros cristãos não enfrentaram o mundo com uma análise da situação e um programa de ação. Afrontaram a partir do encontro com Cristo, morto e ressuscitado, e impulsionados pelo dom do Espírito de Pentecostes. No *Documento final*, entrou assim esta consciência que precisamos, antes de tudo, de "um novo Pentecostes" (DF 59) e por isso, o centro e a fonte da missão da Igreja é a liturgia (DF 134). A Igreja, no seu mistério de esposa de Cristo que a torna um só corpo com Ele, também em seu ser Povo de Deus, emergiu como a resposta essencial aos desafios e exigências que todos os jovens do mundo, estão dentro ou fora de seu ventre, como direção de seu amor e sua missão.

Para despertar esta consciência, fomos tocados sobretudo pelos testemunhos dos jovens e pastores das Igrejas perseguidas, transmitindo-nos a confissão de fé e o clamor de ajuda de seus mártires. Mas também o clamor de tantos jovens que passam por terríveis provações, como a migração, a educação insuficiente, falta de trabalho, corrupção daqueles que detêm o poder, abusos de todos os tipos. Quando um jovem iraquiano testemunhou as provas e o martírio de sua Igreja, todos aplaudimos por um longo tempo, mas acima de tudo fomos tomados por uma profunda emoção, uma grande dor. Foi como se de repente, no coração do Sínodo, tivesse aberto a ferida que o sofrimento dos jovens representa no corpo da Igreja, mas que muitas vezes não sentimos como nossa, como se entre os membros sofredores e nós, não existisse um contato vivo. São Paulo escreve: "Se um membro sofre, todos os membros sofrem juntos" (1Cor 12,26). Papa Francisco nos chama continuamente a esta "sensibilidade". Se não percebemos como nossa a ferida de todos os nossos irmãos e irmãs, especialmente a das crianças e jovens que muitas vezes sofrem por culpa dos adultos, significa que nosso "ser Igreja", "Corpo de Cristo", não é vital para nós, não é carne de nossa carne. Por isso, junto com a consciência de que a Igreja, no seu mistério de comunhão, é o que todos os jovens necessitam, cresceu no Sínodo a consciência da *necessidade de uma conversão*, a fim de que nos tornemos mais transparentes ao que a Igreja é e deve irradiar no mundo. Não é à toa que o *Documento final* termina com uma exortação à santidade.

Qual torre construímos, que batalha lutamos?

E aqui também pensei muito em nossa Ordem e, em geral, na vida consagrada, com suas crises de tipos variados dependendo dos lugares, mas que no fundo são essencialmente crises do mesmo tipo. O problema não são as poucas ou muitas vocações, a economia, as observâncias, a coerência. O problema é como concebemos a nossa identidade e, portanto, a

nossa vocação. Realmente concebemos como um membro vivo da Igreja, ou como algo à parte, algo acessório? Vivemos nossa vocação de maneira eclesial? Vivemos com responsabilidade para com a Igreja universal, sua natureza e missão?

Sempre me faz meditar, no Evangelho segundo Lucas, quando Jesus diz que para segui-lo devemos fazer como alguém que deseja construir uma torre e calcula primeiro se tem os meios para completá-la, ou como um rei que vai à guerra e calcula primeiro se com dez mil soldados, pode enfrentar o inimigo que tem vinte mil (cf. Lc14,28-32). É como se Jesus nos pedisse para calcular quanto temos e quantos somos para poder segui-lo na construção e na batalha de seu Reino. Mas Jesus imediatamente inverte a perspectiva dizendo: "Portanto, quem de vós não renunciar a todas as suas posses, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,33).

Para participar na edificação da Igreja e para "militar sob o verdadeiro Rei, Cristo Senhor", como nos propõe São Bento (RB Pról. 3), não nos foi pedido para calcular os meios e as forças que temos, mas para renunciar a tudo. Porque a Igreja é obra de Deus, é o Corpo de Cristo animado pelo Espírito Santo, e a vitória do Reino não é a nossa vitória, mas a vitória de Cristo, Rei crucificado, manso e humilde de coração, que vence o mundo amando-o, dando Sua vida por todos.

É como se, diante da situação forte ou fraca, das nossas comunidades, não fizéssemos a inversão evangélica entre o *cálculo* dos nossos meios e nossas forças e a *renúncia* a tudo, para nos abandonar verdadeiramente à obra e vitória de Cristo Senhor, à obra e vitória no Espírito Santo.

É neste nível que somos chamados a uma conversão profunda no conceber nós mesmos e a nossa vocação e missão. Porque se não somos discípulos de Jesus, renunciando a todas as outras identificações mundanas ou eclesiais, com as quais nos damos segurança, construímos sobre a areia e combatemos contra moinhos de ventos.

Abrir-nos à graça de um novo Pentecostes

Para isso, como dizia, fiquei muito feliz quando no esboço do *Documento final* do Sínodo, vi que tinha entrado, por assim dizer, o Espírito Santo, ao ponto de dedicar o primeiro capítulo da segunda parte a uma profunda meditação sobre a ação do Espírito, sobretudo na renovação da Igreja e de cada cristão (ver DF 59-62). O *Documento* assinala que "não se trata, portanto, de criar uma nova Igreja para os jovens, mas sim de redescobrir com eles a juventude da Igreja, abrindo-nos à graça de um novo Pentecostes" (DF 60).

É precisamente a abertura a esta graça, o compromisso e o desejo que devemos ajudar a reanimar entre nós, e é para viver isto que nos será útil o trabalho sobre as sugestões e as reflexões do Sínodo.

Limito-me a sublinhar apenas alguns pontos sobre os quais acredito que deveríamos trabalhar de modo especial, seja pessoalmente seja em nossas comunidades, para nos abrir a esta graça, com toda a Igreja. Devemos estar cientes de que a graça de Pentecostes é o carisma que Deus oferece sempre à Igreja, pois é a fonte de todas as graças eclesiais, e é a graça, na qual o mistério pascal de morte e ressurreição de Cristo, se realiza como Dom inesgotável.

A partir de Pentecostes em diante, a Páscoa do Senhor continua a derramar-se com o dom do Espírito sobre a Igreja em línguas de fogo, com o qual o amor de Deus renova constantemente o dom dos sacramentos, carismas, ministérios, virtudes e santidade do Povo de Deus.

O que se esgota nunca é o dom de Deus, mas a nossa abertura à graça do Espírito. E sempre precisamos que a Virgem Maria, como da Anunciação ao Cenáculo, nos seja *Mãe e Mestra de abertura ao Espírito Santo*. Os Santos, como São João Batista, São José e os Apóstolos, são aqueles que aprenderam Dela esta abertura, que se uniram à Ela nesta abertura ao Espírito, condição existencial de toda a santidade e carisma ao serviço da missão de Cristo no mundo.

Ouvir

O próprio Papa, desde o primeiro dia, exortou os sinodais para o ouvir. Em seu discurso de abertura, lembrou que "a coragem de falar deve corresponder à humildade de escutar" (3 de outubro de 2018). E para educar a este ouvir durante todo o Sínodo, pediu que a cada cinco intervenções na sala se fizesse três minutos de silêncio para meditar. Confesso que, às vezes, eram três minutos de sono, porque ouvir por horas em seis idiomas diferentes, é cansativo. Mas, mesmo assim, aquele silêncio ajudava a redescobrir uma atenção, uma abertura ao Espírito Santo que nos falava, através de irmãos e irmãs de todo o mundo.

Evidentemente, esta exortação ao ouvir e ao silêncio, fez ressoar em mim ecos da Regra de São Bento e de nossa vocação: "*Obsculta, o filii, ... et inclina aurem cordis tui...*" (Pról. 1). Como é bonita esta imagem de um coração que inclina o ouvido para escutar o "*pius pater* – o pai misericordioso"!

Mas este "inclinando o ouvido do coração", também implica uma mortificação. O Sínodo também foi uma boa escola de humildade, pois para ouvir a todos, o tempo concedido para cada um falar, sem distinção ou privilégios, nem mesmo para os cardeais, foi de 4 minutos! Claro, nos *circuli minores* existia mais espaço de diálogo e debate, mas lá também, se realmente quisesse participar da verdade de troca, se entendia a importância da "*taciturnitas*", como São Bento diria, isto é, um silêncio que mortifica a própria palavra, a própria ideia, para deixar o outro falar, para ouvir o outro. Assim, vemos que, lentamente, a verdade toma forma, jorrando como uma fonte, que não vem nem de um nem de outro dos presentes, mas do Espírito. Devemos sempre recuperar isto em nossas comunidades.

Escuta sinodal

É neste sentido, creio, que devemos entender a insistência da última parte do *Documento final* sobre a *sinodalidade*, como característica da vida e da missão da Igreja (DF 119ss). "Sinodal" significa "caminhando juntos", mas, como enfatizava o Papa em um discurso de 2015, é um caminho que progride apenas se houver uma escuta recíproca: «Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, sabendo que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta mútua, onde todos têm algo a aprender. Povo de Deus, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: uns escutando os outros; e todos escutando o Espírito Santo, o "Espírito da verdade" (Jo 14,17), para saber aquilo que Ele "diz às Igrejas" (Ap 2,7)» (Francisco, *Discurso para a Comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015; citado por DF 122).

Novamente aqui, não podia deixar de ouvir o eco de um capítulo da Regra de São Bento, que talvez não damos muito valor e não atualizamos suficientemente: o capítulo 3, sobre a convocação dos irmãos ao conselho. A Igreja nos diz que chegou a hora de realmente levar a sério.

Sabemos que neste capítulo São Bento pede ao abade, quando se deve decidir algo importante, para convocar toda a comunidade, expor o argumento, ouvir todos, meditar sobre o que foi dito, e depois tomar uma decisão.

A convicção de São Bento é que somente se constrói uma comunidade escutando o Espírito Santo, e que somente escutamos o Espírito ouvindo a todos, e todos escutando uns aos outros. No capítulo 3, vemos que para chegar a ouvir o Espírito Santo, o abade não consulta separadamente cada irmão, não vai procurar cada irmão para perguntar o que ele pensa, mas reúne a comunidade e ouve cada um de seus membros, de modo que a opinião de cada um é ouvida por todos. Portanto, o abade não convida os irmãos a falar apenas, mas a ouvir uns aos outros com humildade. O dom do conselho nasce da disponibilidade de cada um em se exprimir escutando os outros, porque em um diálogo verdadeiro cada um vem ajudado pelo irmão a entender o que ele realmente pensa. Este não é um procedimento puramente democrático, porque a autoridade não é da maioria, mas do Espírito que nos revela o Verbo do Pai, como luz sobre os passos que devemos dar hoje.

A comunidade, como amavam definir os nossos Padres cistercienses, é um "*auditorium Spiritus Sancti* – um auditório do Espírito Santo" (cf. Guerrico de Igny, *Serm. Adv.* 5,2; *Serm. Nat.* 5,2; *Serm. Epif.* 3,6), um lugar de silêncio e de palavra, consagrado à escuta do Espírito. Na humildade para colocar-se uns na escuta dos outros, cresce em todos uma sensibilidade ao dom do conselho, que mais que um julgamento frio sobre o que deve fazer para não errar, é uma sabedoria, um gosto pelo verdadeiro e pelo belo, um gosto pelo esplendor da verdade na caridade, que nos faz consentir ao dom do Espírito, que deseja encarnar a presença de Cristo neste momento da vida da comunidade e da Igreja, nesta circunstância, nesta prova. Quando se discerne de maneira verdadeiramente eclesial, sinodal, nunca há vencedores ou perdedores, mas todos contribuem para que aconteça e se realiza a verdade no Espírito, que é sempre um bem mesmo quando nos contradiz.

Muitas vezes, nas comunidades e também na Igreja, se arrastam tensões e conflitos porque se vive de maneira superficial a *sinodalidade*, o discernimento comunitário para caminharmos juntos. Cada um busca só a vitória de suas próprias ideias, opiniões e escolhas, e não a manifestação em nós e no mundo da vitória de Jesus Cristo, caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6). Por isso notamos como certas comunidades não são sinodais, ou seja, não "caminham juntos", não vão para a frente, mas andam sem sair do lugar, ou pretendem sempre que a sua salvação venha de fora, ao invés de deixar emergir de dentro, como São Bento pede no capítulo 3 da Regra. O dom do Espírito não vem como uma chuva, e muito menos como uma irrigação, que se obtém através da ligação a tubos externos, mas como uma fonte que Deus quer jorrar no coração de cada pessoa ou comunidade, que com fé bebe na Fonte que é Jesus presente entre nós: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba, quem crê em mim. Como diz a Escritura: rios de água viva fluirão de seu ventre. Isto Ele disse do Espírito que receberiam os que nele cressem" (Jo 7,37-39).

É necessário reavivar a nossa fé em Cristo, na Igreja "una, santa, católica e apostólica", assim como nos envolve através da nossa Ordem e de cada uma das nossas comunidades. É necessário, isto é, ativar o *auditorium Spiritus Sancti* presente em cada comunidade, presente na Ordem como um todo, para ser estes membros vivos do Corpo de Cristo que é a Igreja e, portanto, para participar na missão de salvação universal, pela qual Jesus veio e permanece presente até o fim do mundo.

Acompanhar

O "andar juntos" comporta um acompanhamento. Se existe uma necessidade que une todos os jovens é a necessidade de serem acompanhados no caminho da vida. O *Documento final* do Sínodo dedica a este tema todo o terceiro capítulo da segunda parte (DF 91-103), e retorna ao tema em várias ocasiões. Também em nossa Ordem nos referimos muitas vezes. Onde falta o acompanhamento, faltam adultos, pessoas maduras que fizeram experiência da vocação, do seguimento de Jesus, da comunhão fraterna, de oração como relação de amor com Deus. Falta o acompanhamento onde aqueles que deveriam ser pais ou mães não foram filhos e filhas, e por sua vez, não foram acompanhados. O acompanhamento é, no fundo, uma forma de testemunho. Não há necessidade de ser mais inteligentes, mais instruídos ou santos que outros, mas de ter feito experiência da Igreja como Mãe e Mestra, onde nos é permitido caminhar juntos para vivermos plenamente a nossa humanidade. Se não acompanhamos, não geramos. Cristo se fez homem para nos acompanhar, com extrema paciência, no caminho da vida rumo à plenitude que Ele quer nos transmitir. Quanta paciência Jesus tem em acompanhar os apóstolos, em acompanhar os discípulos de Emaús e agora acompanhar a Igreja, nós, até o fim do mundo!

Diria que é justamente na disponibilidade de acompanhar que escolhemos preferir o tempo ao espaço, como Papa Francisco nos lembra na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*: "Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*." (EG 223)

Preferir doar tempo que conservar espaços de poder, significa dar prioridade às pessoas, respeitar a sua liberdade e vocação, vivendo o presente de nossa vida e comunidade, mais que projetados para o futuro que desejamos, projetemos e pensamos de controlar. Significa, também, abraçar com Cristo a lógica da Encarnação, deixando-nos salvar pela presença do Emmanuel que vive, morre e ressuscita por nós e conosco, mais do que nos dar uma lei a ser aplicada com nossas forças e capacidades.

O acompanhamento não é tanto uma técnica pastoral, nem apenas uma prática necessária para a formação. O acompanhamento que damos uns aos outros em comunidade, como aquele que oferecemos aos mais jovens, nasce e se nutre na consciência que Jesus está presente e caminha conosco. Está presente em quem nos acompanha, mas também está presente naqueles que precisam de acompanhamento, porque a necessidade de ser acompanhado é a pobreza estrutural de todo ser humano, e Jesus está sempre presente em nossas pobreza, nos pedindo amor.

Parar para caminhar juntos

O acompanhamento começa com um *parar* diante de Cristo que vem a nós. Os discípulos de Emaús foram alcançados por Jesus, que se põe a caminhar com eles. No começo, não prestavam-Lhe atenção. Estavam muito ocupados com seus problemas e conversas, com seus projetos e suas decepções. Como muitas vezes nós também estamos diante de nossas comunidades, dos indivíduos e, às vezes, diante de toda a Igreja. Mas chega o momento em que a presença de Jesus vem nos questionar, nos interrogar: "O que estais a falar entre vós ao longo do caminho?" (Lc 24,17a). Os dois discípulos então pararam e a partir daquele instante o acompanhamento de Jesus pôde iniciar, e pacientemente os conduz à verdade, à alegria e ao dom de suas vidas no testemunho do Ressuscitado.

"Eles pararam com um rosto triste" (Lc 24,17b). Pararam, olhando Jesus, mesmo sem reconhecê-lo, e ficando diante Dele como são, sem máscaras, expondo diante Dele a tristeza que sentiam, a confusão, o não saber o que pensar, para onde ir, o que fazer, em quem acreditar, o que esperar.

Percebo que este é o tempo da graça que somos chamados a viver, nas comunidades, na Ordem, como em toda a Igreja: saber parar assim como somos, com uma centelha de intuição que Jesus já está aqui conosco e deixá-lo ver a situação em que nos encontramos; e a partir disto deixar-nos acompanhar por Ele em direção da revelação plena e luminosa de sua Face no pão partido da Eucaristia. Se não pararmos assim, não caminharemos com Jesus, não ouviremos sua palavra, não faremos experiência do ardor do coração, e o nosso caminhar juntos vai ser nada mais que uma estéril reclamação contínua, que leva a diminuir luz e a resfriar o amor. Mas não deve ser assim, pois Cristo está presente, nasceu para isto, para isto vive, morre e ressuscita: para caminhar conosco e permitir que caminhemos unidos entre nós, com Ele no centro. Quando permitimos a Jesus fazer arder nossos corações em Sua presença, ouvindo a sua palavra e recebendo o dom do seu Espírito, imediatamente nossos corações estão em comunhão entre eles e com os corações de todos os homens e mulheres do mundo.

A raiz do martírio

Este ano a família cisterciense recebeu o dom da beatificação de oito mártires: Pe. Anastásio Janos Brenner, que foi monge de Zirc, e os sete monges Trapistas de Tibhirine. Toca-me que o martírio de todos estes Irmãos foi o resultado da decisão de "parar" para estar com Jesus, onde Ele lhes pedia para ficar, embora fosse claro que arriscavam suas vidas. O martírio é fruto da liberdade de permanecer unido a Jesus, mais que a segurança de nossa vida. Por isso, o martírio anuncia que Jesus é o tesouro mais precioso e permite ao Ressuscitado manifestar a sua Face ao mundo. Não deveria nos educar a isto a estabilidade quotidiana e humilde, que São Bento nos pede, em não preferir nada a Cristo Senhor? Jesus preparou, no silêncio de Nazaré, o grande testemunho Pasqual que deu em Jerusalém. Os nossos bem-aventurados Irmãos nos convidam a isto, e certamente nos ajudam com sua intercessão.

A meditação do Advento e a alegria do Natal nos ajudem, então, a parar, como somos, para recolocar diante de Jesus a nossa pobreza e fragilidade, como os pastores de Belém, para recomeçar, correndo juntos, no caminho da vida na qual o Senhor, na sua misericórdia, não cessa de nos acompanhar!

Obrigado por tudo e felicidades de coração!

A handwritten signature in blue ink, reading "Ir. Mauro-Giuseppe Lepori O.Cist". The signature is fluid and cursive, with the letters "Ir." and "O.Cist" clearly visible.

Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist